



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação

VIRGILIO SOARES DA SILVA NETO

**EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES DE UM TRADUTOR
INTÉRPRETE DE LIBRAS
EM MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS**

Brasília – DF

2015

VIRGÍLIO SOARES DA SILVA NETO

**EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES DE UM TRADUTOR
INTÉRPRETE DE LIBRAS
EM MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Educação
como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a.
Maria Alexandra Militão Rodrigues.

Brasília – DF

2015

SILVA NETO, Virgílio Soares.

Experiências e Reflexões de um Tradutor Intérprete de Libras em Manifestações Artísticas.
– Brasília, 2015.

Monografia (licenciatura) – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2015.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues, Faculdade de Educação.

1. Tradução. 2. Interpretação. 3. Libras. 4. Acessibilidade Cultural.

VIRGILIO SOARES DA SILVA NETO

**EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES DE UM TRADUTOR
INTÉRPRETE DE LIBRAS
EM MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS**

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do
Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

Virgílio Soares da Silva Neto

| |
|---|
| Professora Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues |
| Professora-Orientadora |

| | | |
|---|--|-----------------------------------|
| Professora Dra. Fátima L. Vidal Rodrigues | | Professor Msc Messias Ramos Costa |
| Professora-Examinadora | | Professor-Examinador |

Brasília, 7 de agosto de 2015

Dedico esta monografia aos encontros cármicos-astrológicos que me proporcionaram ser quem eu sou.

Dedico à comunidade surda que me modificou, ressignificou e que me constituiu.

Dedico aos meus amigos, aqueles a quem olho nos olhos, aos que nem palavras são necessárias. Aos que o conceito de mentira ou verdade desaparecem e só o “nós” e o amor permanecem.

Dedico a Jeane e Kelton, Tuxi, Falk e Luciana e à família Gussi, sem os quais a jornada em Brasília já teria sido encurtada e jamais teria chegado a este instante da vida.

Dedico a minha família, que me gerou, educou e me amou.

Dedico aos Nkisis que me governam e as Entidades que me acompanham e me olham.

Dedico a Deus Nzambi, que nos momentos de pouca fé me reestabelece as forças, me demonstrando as sincronicidades no seu amor.

AGRADECIMENTOS

Por onde iniciar um agradecimento que tenta resultar em tudo o que constituiu um ser até o dado momento? Elenquei em ordem cronológica tudo o que vem fazendo parte de mim, ou dele/a:

Como iniciar o agradecimento quando se considera privilegiado e percebe tanto cuidado e zelo durante essa trajetória? Talvez em ordem de magnitude? Ou por ordem de proximidade. De qualquer forma, provavelmente seria extramamente injusto. Então eu só agradeço.

Agradeço a Nzambi a Mpungu, Deus criador e razão primeira de todas as coisas a quem a tudo devo e que me conduziu pelos múltiplos caminhos do Sagrado. A todas as manifestações do sagrado com as quais me comuniquei: Jeová; Xangô quem tem me cuidado; Iemanjá que me ampara e consola. Agradeço a Exu (Deus em movimento, ação e caminhos). Agradeço aos meus Guias espirituais, as Entidades que me orientam e aos Anjos que me guardam. E a todos/as os/as sacerdotes e sacerdotisas que me ajudaram e ajudam nessa caminhada. Pr. Odilon Izidro, Pr. Estevam Fernandes, Pr. Emildson Jr., Pr. Kerly Carneiro, Pr. Sérgio Queiroz, Ialorixá Dora Barreto, Babalorixá Haroldo Farias e Tata Nkisi Francisco Nguz'Tala, bem como todos os irmãos católicos, evangélicos e de Santo.

Agradeço a Vovô Virgilio Soares da Silva (in memoriam) com quem tão pouco convivi, mas cujas narrativas das suas histórias e peripécias chegaram até mim e de quem me orgulho por ter herdado o seu nome.

Agradeço a minha Avó Maria da Paz dos Santos Soares, viúva de fibra e fé que conduziu a família com muita força e determinação e cujo amor é tão imenso quanto as águas do mar.

A mainha, Maria da Paz Souto Soares da Silva, tão simples e tão honesta e batalhadora, cujo amor era evidenciado não em palavras mas em ações. A minha mãe a minha mais profunda gratidão.

Ao meu pai Antonio Carlos dos Santos Soares da Silva, (Tony), cuja busca por compreender fenômenos e pensamento crítico sempre foram meus parâmetros. O berço do meu pensamento crítico.

Agradeço a Minha Segunda Mãe, Joselha dos Santos Soares da Silva (Tia Zelha), com o seu amor e carinho me cuidou como verdadeiro filho sem nenhuma

obrigação e a quem devo tudo. Sem minha tia minha vida não seria nem metade do que é hoje.

A minha irmã Ingrid Souto Soares da Silva pelas vivências e desafios de aprender a amar a diferença.

Ao meu sobrinho maravilhoso Iago Bruno Souto Suassuna por me impulsionar a ser sempre alguém melhor por ele. Pelo seu carinho imenso e brilho nos olhos.

Agradeço a tia Martinha, minha madrinha linda do coração pelo amparo e amor desde a mais tenra idade. A tia Sônia (in memoriam) pelos boas conversas e o excelente gosto musical. A Tio Josinaldo pelo exemplo de ter sempre um sorriso no rosto mesmo em meio da tormenta, e exemplo de dignidade e brio. A tio Leal pela generosidade e por ser um exemplo de força e determinação. A Tio Jairo (in memoriam) pela alegria constante. E a todas as primas e primos.

Agradeço a Lindenberg Matias Saraiva pela parceria constante e por ser um irmão desde a primeira série do primeiro grau.

A Ivana Bezerra e Alberto Porto pelas primeiras aulas de Libras da vida e com eles todos os membros, irmão e amigos da Igreja Presbiteriana de Jaguaribe.

A Heloisa e Wattson Perales Sans por me ensinarem a interpretar em Libras. Pelo amor à causa surda e por todos os momentos tão intensamente vivenciados que até hoje os chamo de Mãe e Pai. E a todos os irmãos e irmãs da Primeira Igreja Batista de João Pessoa.

A Denise Coutinho por problematizar tantas questões concernentes a surdez e me incitar a ter um olhar mais crítico e responsável.

A Renata Cristina, minha ex esposa, pelo amor e cuidado tão imensos e pela convivência maravilhosa ao longo de quase dez anos de relacionamento. Por ter sido tão importante em minha vida e me abrir os olhos para um novo mundo.

À comunidade surda que me acolheu e acolhe, pelas trocas e principalmente pela maravilhosa oportunidade de aprender essa língua tão rica e mágica que é a Libras.

À Janaína Peixoto pela amizade/irmandade e por despertar e me ensinar a traduzir/interpretar músicas para Libras e assim, ser uma das grandes responsáveis por esse trabalho e todos os irmãos e irmãs da Igreja Cidade Viva, onde pude desenvolver o trabalho no ministério com surdos.

À Família Gussi pelo amor, carinho e cuidado e por serem uma das minhas famílias em Brasília.

A Jeane Félix e Kelton Gomes, casal tão amoroso e exemplo de amor e companheirismo. Muitas linhas desse trabalho, e de outros; assim como várias linhas da minha vida foram escritas com eles. Aos quais também sou profundamente grato por tudo.

Às *Cumadi* e aos *Cumpadi*: Mateuzera, Wesley, Victor, Maíra, Tamine, Marinão, Jackó, Victor, Fabi, Deisoca, Vina; e a pessoas tão próximas quanto como: Renathinha, Rackelzona, Maria Claudia B., Yuri Mello, Paulitcha, Gnomo e tantos outros que provavelmente estou sendo injusto.

À Faculdade de Educação com toda a equipe de docentes, ao PET-EDU, CAPE (Centro Acadêmico de Pedagogia) e à Universidade de Brasília – UnB.

À Professora Msc Patrícia Tuxi, amiga pessoal a quem devo as minhas próximas encarnações por tantos favores e cuidados. Sem Tuxi, eu não completaria nem um décimo desse trajeto.

Agradeço à Professora Dra Patrícia Pederiva por acreditar e agregar valor ao meu trabalho, evidenciando questões de cunho teórico da música que estavam presentes em meu trabalho e que eu mesmo não enxergava.

À Professora Dra Soraya Ferreira Alves por lançar um olhar intersemiótico na minha tradução e contribuir com as primeiras literaturas que proporcionaram as primeiras teorizações sobre o meu trabalho.

À Professora Dra Fátima Lucília Vidal por ser tão comprometida, profunda e amorosa e por todo o cuidado desde a primeira disciplina de Educandos com Necessidades Especiais.

E por fim, à minha orientadora Professora Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues por verdadeiramente orientar a por esse *Caos* que é minha cabeça em relativa ordem. Por ser tão amorosa e por aceitar esse desafio de orientar em tempo recorde.

“A tradução poderia e deveria, ao invés, marcar a distância entre as línguas, mostrar que existem línguas diferentes... O seu papel é, pois, o de lembrar aos leitores de uma determinada língua que é possível dizer o mundo de uma outra forma, com uma outra pronúncia, com outras cores; o de fazer ouvir a língua alheia na sua própria língua e deixar entrar nela uma estranheza que enriquecerá as possibilidades de expressão e a identidade do sujeito”

(Laplantine)

RESUMO

O trabalho de Conclusão de Curso apresenta um ensaio acerca de experiências e reflexões de um tradutor/intérprete de língua brasileira de sinais (LIBRAS) em manifestações culturais de expressão artística. A motivação para abordar o tema decorre da problematização do trabalho do intérprete de LIBRAS nesse complexo terreno de experimentação e da necessidade de tornar cada vez mais acessíveis, à comunidade surda, outras experiências formadoras de caráter cultural, envolvendo diversas linguagens artísticas. É objetivo do ensaio promover uma reflexão acerca da atuação e desafios do tradutor intérprete de LIBRAS em espaços sociais e culturais, envolvendo diversas linguagens e manifestações artísticas. O ensaio foi organizado em três temas: O surdo: da exclusão à inclusão cultural; Abordagens teóricas e metodológicas e a complexidade do trabalho de tradução-interpretação na música, poesia e teatro; e Reflexões de um tradutor/intérprete cultural. O trabalho dialoga com autores como Laplantine (2001), que rompe com uma concepção linear de tradução, defendendo a ideia de línguas em contato com uma cultura mestiça que afeta e é afetada pela cultura do outro; com a abordagem funcionalista de Nord (1991) e a Teoria da Tradução Intersemiótica Julio Plaza (1987). As reflexões realizadas perspectivam novos olhares em direção à complexidade do trabalho do tradutor/intérprete de LIBRAS, à sua formação, bem como aos caminhos de emancipação e empoderamento educacional e cultural da Comunidade Surda.

Palavras-chave: Tradução-interpretação; LIBRAS; acessibilidade cultural.

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de Conclusão de Curso é composto por três dimensões: um Memorial, no qual narro a trajetória do meu envolvimento com a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS); um ensaio acerca de “Experiências e reflexões de um tradutor intérprete de língua brasileira de sinais (LIBRAS) em manifestações culturais de expressão artística”; e o esboço de Projeto Profissional.

O ensaio surgiu de inquietações e problemas vivenciados pelos intérpretes de LIBRAS em espaços outros dos já historicamente constituídos, como o da escola, palestras e eventos. Resulta também de uma preocupação com a educação do surdo, a partir de uma compreensão mais abrangente da educação, a qual não se restringe a espaços escolares, mas extrapola os limites da sala de aula e avança em direção a ambientes de manifestação cultural, como festivais de cinema, shows musicais e peças teatrais. Devido à precarização das concepções, metodologias e ações que visam incluir o sujeito surdo na sociedade, observo, enquanto profissional da área, que em geral os surdos não têm acesso a linguagens e manifestações artísticas durante a sua formação escolar, acadêmica e profissional. Compreendendo que tais linguagens são formadoras e imprescindíveis ao sujeito na elaboração de uma visão de mundo e na superação das barreiras vivenciadas pela comunidade surda.

Senti-me impulsionado a refletir acerca dessas questões a partir da minha própria experiência como intérprete de LIBRAS, em um terreno de experimentação complexo que envolve a acessibilidade em espaços culturais com linguagens artísticas. Ao dialogar com alguns autores como Laplantine, (2001), que rompe com o conceito de tradução como transposição de uma língua para outra e nos traz a perspectiva de línguas em contato com uma cultura mestiça que afeta e é afetada pela cultura do outro, fui provocado a problematizar esse território de tradução e interpretação em que poucos ainda se arriscam, e discutir a necessidade de pressupostos teóricos e metodológicos.

Assim, com este ensaio eu objetivo refletir acerca da atuação e desafios do tradutor intérprete de língua de sinais dentro de espaços culturais e sociais, envolvendo diversas linguagens e manifestações artísticas.

O ensaio está organizado em três temas. No primeiro, intitulado “O surdo: da exclusão à inclusão cultural”, discorro sobre a história de marginalização vivenciada pelos surdos, bem como o processo de sua inclusão educacional e cultural. O segundo

tema, “Abordagens teóricas e metodológicas e a complexidade do trabalho de tradução- interpretação na música, poesia e teatro”, envolve uma discussão sobre tradução e interpretação de LIBRAS e sua fundamentação teórico-metodológica; aborda também alguns espaços culturais onde este agente cultural, que de certa forma também é educador, tenta na maioria das vezes, com as suas poucas possibilidades, traduzir linguagens artísticas para o seu público alvo, de forma reflexiva ou não, utilizando ou não determinados pressupostos, uma estilística e uma poética. No terceiro tema, “Reflexões de um tradutor/intérprete cultural”, abordo de forma mais livre questões que tangenciam a exclusão cultural da Comunidade Surda, bem como caminhos da sua emancipação e empoderamento educacional e cultural.

Desta forma, espero discutir algumas questões que me circundam, seja por meio dos meus pensamentos, seja pelos de outros que se anunciam e se amalgamam aos meus, seja de forma mais negociada ou abrupta com uma relação de poder que quase nunca é tranquila. Por esse trabalho se inserir na esfera de tradução na área cultural com foco na música, cinema e teatro, espero que possa contribuir de maneira inovadora, tanto para os Estudos da Tradução, quanto para pesquisas na área de LIBRAS, propondo assim uma interface entre as duas áreas do conhecimento.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| Memorial – Diálogos com Meneghel | 12 |
| O Surdo: Da Exclusão à Inclusão Cultural | 21 |
| Abordagens Teóricas e Metodológicas e a Complexidade do Trabalho de Tradução - Interpretação na Música, Poesia e Teatro | 26 |
| Experiências de tradução-interpretação no teatro | 28 |
| Experiências de tradução-interpretação na poesia | 30 |
| Experiências de tradução-interpretação de músicas | 30 |
| Reflexões de um Tradutor-Intérprete cultural | 33 |
| Considerações finais | 39 |
| Projeto Profissional | 40 |
| Referências | 41 |

MEMORIAL

Diálogos com Meneghel

Fui criança nos anos 80. Talvez da última geração que pôde correr livremente pelas ruas. Dos que brincavam de esconde-esconde (ou pique-esconde, para os brasilienses), de peão, pipa e pega-pega. E no bairro de Jaguaribe, em João Pessoa. Como isso ainda era possível nos anos 80! A rua que ladeava a minha casa até meados dos anos 90 ainda era de barro e bastante esburacada, inviabilizando a passagem de carros em alta velocidade e proporcionando que as crianças das redondezas pudessem se envolver em todas as brincadeiras anteriormente mencionadas ou ainda brincar de peão, bola de gudi, barra-bandeira ou travinha (futebol com times compostos por duas ou três crianças onde as traves eram chinelos ou pedras, tijolos e etc.).

Mas o tempo de lazer da minha infância era dividido com outros momentos: os desenhos animados, as histórias em quadrinhos (HQ's) e as brincadeiras solitárias onde eu dava vazão ao repertório imaginativo provocado pelas historinhas. Os desenhos animados com histórias de super-heróis me detinham. Nem piscava nesses momentos. Encantava-me com aquelas lutas coreografadas, com todos os movimentos precisos e impecáveis. Entretanto, havia um período de reticência incomodativo: a espera entre um desenho e outro. No início, esse período era bem mais tranquilo, porque preenchido com mais inventividade e criatividade. Era a época do “Balão Mágico”, programa exibido com a apresentação de quatro crianças: Mick, Toby, Simony e Jairzinho, além da presença do emblemático Fofão. Era um programa tão fantástico que em seus especiais tinha a participação de Jô Soares e de ninguém mais, ninguém menos que Raul Seixas, além das participações de Roberto Carlos e Fábio Jr. Confesso, se a memória não me trai, que foi um dos melhores programas destinados ao público infantil, que emparelhava a genialidade, em horário alternativo, com o “Clube da Criança”, cuja apresentação era realizada pelo genial Daniel Azulay. No entanto, em meados 1986 uma moça que até então comandava um programa infantil da Emissora Manchete foi convocada a capitanear a programação infantil da TV Globo, interrompendo assim com o delicioso Balão Mágico.

Contudo, um aspecto do programa “Show da Xuxa”, durante algum tempo, teve um diferencial: a presença de Tany Mary, moça que, durante os sorteios das cartinhas para presentear os telespectadores com brinquedos, fazia a interpretação de quase a totalidade das falas e leitura das cartinhas, como é possível observar no vídeo: Xou da Xuxa completo em HD¹ (1991) do min 7’48” até 10’14” assistido no Youtube no dia 07/07/2015 as 16:20. Anterior a esse momento, a apresentadora lançou em 1988 o abecedário da Xuxa. Nele, a apresentadora que se propunha a cantar uma música cuja letra se iniciava assim: “*A de amor; B de baixinho; C de Coração;...*” Essa música se disseminou e possibilitou que muitas crianças aprendessem o alfabeto manual de Libras incluindo eu e meus primos. Nós nos divertíamos conversando e aprontando sem o conhecimento dos nossos pais, uma vez que armávamos todas as traquinagens sem que os mesmos soubessem. Falávamos o tempo todo e em todas as ocasiões. O alfabeto manual me acompanhou desde então.

Em 1991, aos 12 anos de idade, eu voltava da escola para casa de ônibus. Naquela época eu costumava sentar na última fileira de bancos, sempre na janela do lado esquerdo, e passava a maior parte da viagem com o braço esquerdo apoiado na janela e com o rosto para fora da viagem. Algumas horas do meu universo particular... Em um dado momento observei uma movimentação peculiar do meu lado direito. Algumas pessoas conversavam gesticulando bastante, sem abrir a boca. Foi então que me situei e vi que falavam em língua de sinais. O que me chamou atenção é que uma daquelas pessoas era moradora de minha rua, e eu tinha certeza que a mesma não era surda. Identifiquei-me e perguntei onde eu também poderia aprender a língua. Elas me disseram o local e, após o almoço, solicitei ao meu pai o recurso necessário, me dirigi ao local do curso e o concluí em três semanas, como cheguei no curso com um atraso de uma semana e meia, não obtive boa nota. Foi quando a professora indagou aos alunos o que gostariam de fazer com o conhecimento obtido. Alguns alunos responderam algo sobre continuar fazendo mais cursos e etc, e eu respondi que gostaria de ser intérprete. Lembro bem dos risos, devido ao meu baixo rendimento. Coisa complicada essa de desafiar um capricorniano. Capricórnio de sol e marte conjuntos, com ambos em trígono com ascendente em touro, e também com trígono com Saturno na casa 5.

Cerca de duas semanas depois eu me converti, no dia vinte e um de julho de mil novecentos e noventa e um, num culto de domingo na Igreja Presbiteriana de Jaguaribe, com a pregação do Presbítero Pierre Normando. Nessa mesma igreja me batizei algum tempo depois.

Após sete meses, soube de um curso de Língua Brasileira de Sinais (Libras) que teria início na Primeira Igreja Batista de João Pessoa - a Primeira Igreja, ou Primeira Batista, como é conhecida, é uma das principais igrejas da cidade. A primeira igreja evangélica a se tornar cartão postal da cidade, com trabalhos inovadores e com uma capacidade de reunir muitos jovens, era o principal ponto de encontro dos jovens e adolescentes evangélicos na década de noventa. Soube dessa informação algum tempo depois.

Ao tentar me inscrever no curso, percebi a barreira da idade. Como bom capricorniano, aos 13 anos de idade eu já me considerava um jovem senhor e por consequência, um absurdo que aquela barreira estivesse sendo imposta, e que obviamente aquela restrição não deveria ser relacionada com a minha pessoa. A principal justificativa informada pelo líder do ministério de surdos é que os surdos se apegam rapidamente aos ouvintes e que os adolescentes mudam de ideia como de roupa e provavelmente iriam frustrar os surdos menos experientes. Eu disse que queria cursar, que não iria largar e que tinha interesse em permanecer. Disse ainda que poderiam fazer um teste comigo por três meses.

Terminei o curso com a segunda melhor nota numa turma de trinta alunos, sendo o caçula da turma. E fiz todos os cursos oferecidos pela igreja durante a década de noventa. Engajei-me no Ministério de Surdos *Mãos que Falam* e lá permaneci durante a liderança de Heloisa e Wattson Peralez Sans até o ano de 1997, como intérprete de libras e professor da escola bíblica dominical. Quando os mesmos mudaram de cidade eu não concordava com estilo de liderança da missionária que assumiu o posto no ministério e me ausentei.

No final do ano 2000, fui chamado para fazer parte do Centro Permanente de Educação de Surdos – CEPES, sob a coordenação direção da professora Denise Coutinho, uma referência nacional na educação de surdos, a primeira intérprete de Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS. Ela levou à Paraíba o conceito de bilinguismo. Denise sempre foi uma mulher muita fibra e força.

Esteve na vanguarda de diversos movimentos, como os das pastorais, no período efervescente da Teologia da Libertação. Colaborou no movimento de ocupação e resistência de Brasília Teimosa, bairro popular da cidade de Recife cuja localização privilegiada aguçou os olhos gananciosos de uma elite que não quis permitir o direito de moradores residirem às margens de uma das mais belas praias da capital pernambucana.

Com o mesmo ímpeto, determinação e profundidade que a impulsionou em movimentos em Pernambuco, Rio de Janeiro e Pará, Denise trouxe a sua expertise para fundar o CEPES na perspectiva de uma escola que olhasse para o surdo como sujeito, inclusive convidando professores surdos para ministrar as disciplinas e outros surdos e/ou ouvintes reconhecidos pela comunidade surda e acadêmica da época no cenário nacional, como Nelson Pimenta, Marcia, Fabiano e Professora Doutora Ana Dorziatt, entre outros/as, para capacitar os profissionais da Educação envolvidos em todo o processo.

Um dos grandes avanços foi o fomento de Encontros Estaduais de Intérpretes de Libras nos estados do Nordeste, culminando no I Encontro Nordestino de Intérpretes de Libras na Cidade de Fortaleza no ano de 2003, com a presença do Ex-presidente da Feneis, Antonio Campos, e do então presidente da mesma instituição, Antonio Mário, o qual deu o aval para a criação da Associação de Intérpretes do Nordeste. Instituição essa que, talvez pelo despreparo e momento profissional e político de então, não veio a ter continuidade.

O CEPES foi a minha primeira grande escola fora do espaço eclesiástico e um dos mais importantes para vida, até porque nele eu encontrei uma pessoa que marcou a minha existência em outros níveis. No início do meu período como professor desta instituição eu conheci uma moça e num curto espaço de tempo começamos a namorar. Renata Cristina foi, em si, o meu mergulho mais profundo na surdez. Conviver com ela foi como mergulhar numa representação bem típica da surdez.

Renata, filha mais velha de um casamento que durou até pouco tempo depois do momento em que ela foi acometida de meningite, por volta dos três anos de idade. A febre que ela teve deteriorou seus nervos auditivos e ela ficou surda. Perdeu, por um período de seis meses, a maior parte dos movimentos e se recuperou dessa perda graças a sua força de vontade, relato da sua mãe e seus avós. Após o término da união de seus pais, a mãe algum tempo depois voltou a morar com os avós, que descontentes com o tipo de educação recebida por ela, mudaram-se para Brasília em busca de uma escola que um amigo de longa data indicara. O Centro Ludovico Pavoni de Áudio Comunicação – CEAL, à época, foi melhor escolha. Renata aprendeu a oralizar até certo ponto, teve um desenvolvimento educacional bem acima da média dos surdos com quem ela conviveu na primeira infância e obteve um desenvolvimento acadêmico bem satisfatório.

Nossa convivência foi bem fluida, o que era favorecido pelo ambiente. Nos encontrávamos na escola, na associação e em saídas com os surdos. Da amizade à paixão foi um pulo. E vivíamos sempre juntos. Mesmo quando deixei de trabalhar no CEPES, um ano depois, trabalhei na Associação de Surdos de João Pessoa – ASJP.

Na ASJP, convivi com a presença de Edilson dos Santos (presidente) e Nilton Barbosa (vice-presidente e ex-presidente). Nilton possuía uma vivência com surdos que eu jamais vira. Não oralizava quase nada e possuía, e ainda possui, as mãos mais plásticas que vi em toda a minha vida. Ele alcança um nível de descrição tão sofisticada em libras que qualquer intérprete que com ele tenha trabalhado deu um salto qualitativo vertiginoso por passar a olhar para a língua de sinais com mais minúcia. Ele é um Manoel de Barros das Libras. Reinventava conceitos, transgredia a ordem natural das coisas e fazia movimentos que até então pareciam não fazer nenhum sentido. Foi com quem lapidei a minha sinalização e me senti, de fato, um sinalizante.

Ainda na Associação, devido às várias viagens para encontros desportivos e campeonatos, eu contribuí com a Liga Nordestina Desportiva de Surdos, da qual Gerson Ramalho era o presidente e Millena Ramalho, a sua esposa, a tesoureira. Já havia conhecido os dois no período da igreja, mas agora com outra relação de aprendizagem e troca. Gerson havia sido o presidente da ASJP um pouco antes de Edilson. Conviver com ele foi também outro grande aprendizado. Mas de forma bastante diferenciada. Gerson conhecia, como poucos, os corredores da política. E não aquela que aparece no horário eleitoral. Ele tinha acesso ao gabinete do governador, do prefeito, de vários vereadores e deputados. E eu com minha visão sonhadora de recém-saído da igreja e vivência do Diretório Central dos Estudantes da UFPB, pude ver que os acordos políticos eram bem mais comprometedores que o que eu já havia visto e me desagradara. Com Gerson e Nilton, duas forças políticas bem distintas, dois polos antagônicos e ocasionalmente complementares, mas cuja união sempre é muito volátil e difícil, tive a compreensão de como funcionam outras instâncias da complexa sociedade surda.

Em 2003 comecei a interpretar as aulas dos cursinhos pré-universitários, inicialmente para quatro surdas, e posteriormente para três surdas. Neste cursinho eu tomei gosto pela interpretação em sala de aula. Interpretei todas as disciplinas de segunda a quinta, e na sexta as turmas eram divididas entre as humanas e exatas. Traduzir por um ano e foi uma experiência incrível, pois pude ver surdas com o ensino

médio concluído ficarem completamente extasiadas por entender pela primeira vez um conteúdo já estudado, devido à presença do intérprete.

Ao término desse período, duas das alunas começaram as faculdades, uma cursando administração de empresas e a outra, Ciências da Computação. Traduzi quatro semestres de Ciências da Computação e seis semestres de Administração. Foi tão prazeroso traduzir administração que até me aventurei nesse curso. Passei no vestibular da UFPB e cursei três semestres. Mas a dificuldade de discutir a relação de classes me inquietava suficientemente para não querer permanecer no curso.

Cerca de um ano e meio antes do intervalo mais longo da minha relação com Renata, eu voltei a frequentar a Igreja Batista do Bessamar, que mais tarde se tornou a Igreja Cidade Viva. A proposta era a mais inovadora que havia conhecido até então. O pastor jamais usava terno, nem os diáconos. A igreja se reunia em um ginásio escolar, pois guardavam quase que todo o dinheiro para comprar um terreno imenso com a finalidade de tratar dependentes químicos, especialmente os usuários de crack. As pessoas andavam com roupas simples, buscavam de fato uma vida simples, e com uma tranquilidade que jamais eu havia visto em outras igrejas. Fiquei encantado e no meio do grupo, o ministério de surdos com pessoas comprometidas, com um nível de criticidade muito alto e com uma postura coerente com o que apregoavam. Voltei a frequentar a igreja e rapidamente estava no ministério com surdos trabalhando, pregando, evangelizando, ensinando na Escola Bíblica Dominical, participando de acampamentos e enfim, vivendo. Durante uma parte desse período, Renata e eu terminamos o nosso namoro e cerca de um ano depois ela me informou que iria para Brasília. Apoiei até o momento que a saudade apertou, e em três meses eu pedi para retomarmos o namoro, com o que ela concordou, desde que eu também me mudasse para a Capital Federal.

Durante o período que regressei à igreja, fiz um curso de tradução e interpretação de Libras, ministrado por uma companheira de ministério, Janaína Aguiar Peixoto. Ela e seu marido Robson Peixoto vieram de igrejas do Rio de Janeiro com muita experiência em trabalho com surdos. Jana ou Mana, como costumava lhe chamar, trouxe um curso bastante inovador com módulos como neuro linguagem, os assustadores classificadores e a Língua de Sinais Americana - ASL (ministrado pelo mais que conhecido Nelson Pimenta). Dentre esses módulos, um foi o de música, que inicialmente eu me recusei por acreditar que a relação de surdos com a música perpassava apenas pelas vibrações sentidas no corpo, e só. Mas como o nenhum dos

módulos era optativo, participei de todos os exercícios e do trabalho final e me agradei do resultado das traduções que fiz. Cerca de um ou dois meses depois houve o Encontro de Obreiros com Surdos – ENOS 2006, em João Pessoa. E pude ver uma plateia com quase seiscentos surdos acompanharem uma banda e uma intérprete durante o período de louvor, com sorrisos imensos nos rostos por estarem cantando aquelas músicas com suas mãos e seus corpos. Então todo o preconceito veio por terra.

Em cinco de fevereiro de 2007 eu cheguei a Brasília com quatrocentos reais na carteira, nenhum crédito na praça, desempregado, mas com a moradia provisória na casa de uma ex-colega do curso de pedagogia. Jeane Félix já havia sido bastante importante em João Pessoa, uma das melhores amigas da minha ex-namorada. Passávamos muitas horas, dias, semanas em seu apartamento falando de toda aquela efervescência juvenil. Tudo acontecia em nossas vidas aos vinte e poucos anos. E agora, no quadradinho, passou a ser, juntamente com seu marido Kelton Gomes, uma das pessoas mais importantes da minha vida. Com eles compartilhei vários momentos extremamente íntimos, inúmeras descobertas literárias, musicais, confidências, o que com certeza segurou algumas das minhas barras mais difíceis. Parte deste ensaio foi terminado no apartamento deles, e alguns dos meus poemas e contos também. Comecei a trabalhar como intérprete de libras em uma faculdade da cidade, quinze dias depois de minha chegada.

Meus primeiros amigos conquistados em Brasília foram Alexis Pier, Luciana Marques, Thalita Araújo, Falk Moreira e Patrícia Tuxi, os quais tenho a honra e orgulho de manter até os dias atuais. Foram meu sustentáculo, minha fortaleza, minha parceria. Compartilhamos momentos de muitas alegrias e de dores também. E à Tuxi certamente eu deverei a minha vida por algumas encarnações. É sem sombra de dúvidas a pessoa responsável por uma parcela significativa das minhas vitórias acadêmicas e pessoais.

Após a primeira estadia de dois meses e meio na casa de Jeane e Kelton, Renata e eu nos casamos. E durante um ano e meio tivemos um casamento harmonioso e sem grandes problemas. Durante o outro ano e meio, a relação sofreu muitos altos e baixos que se acentuaram após o meu ingresso no Curso de Letras/Libras – Bacharelado Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, no polo da Universidade de Brasília – UnB. E com a minha aprovação e retorno ao curso de Pedagogia da UnB, a relação se estremeceu. Foi a “crônica de uma morte anunciada”. Terminamos o relacionamento de um capricorniano e uma ariana, tendo ambos com ascendente em

touro. Era muita cabeçada para conseguir dar certo. No entanto, alguns momentos deste relacionamento que permeou a vida e minha profissão ainda precisam ser comentados.

Durante o início do nosso casamento, morámos em uma quitinete por dois anos e meio e inicialmente não conseguimos instalar internet em casa. Renata dormia cedo e eu não. Estava cansado de TV e precisava conseguir alguma atividade diferente. O computador estava cheio de músicas, havia uma webcam e as músicas. Passei a traduzi-las por hobby e traduzia tudo que me vinha à cabeça. Até que enfim tivemos internet e uma amiga surda me pediu para traduzir algumas músicas. Não gostava muito da cantora, mas traduzi e pedi para que ela tecesse críticas à minha tradução e avaliasse outras canções. Ela aceitou e trabalhamos nisto por algum tempo. Meses depois eu traduzi um show da Banda Surdodum. Foi incrível, e a aceitação do público de surdos e intérpretes foi bastante positiva. Passei então a me dedicar a isso.

No Ano de 2008, por insistência de Renata eu prestei vestibular para o curso de pedagogia da UnB e obtive êxito. Estava de volta a uma universidade com as discussões diárias para a minha felicidade. E nunca imaginei que fosse tão importante o retorno à academia. E a UnB é massa! Apesar das críticas relacionadas a precarização dos outros campi, da elitização de diversos cursos, a Universidade de Brasília possibilita interações tão incríveis com saberes tão distintos que fiquei extasiado. Foi importante experienciar tantos espaços de forma tão viva e presente. É fantástico encontrar pessoas com tantas vivências e tantos saberes outros!

Na disciplina de Fundamentos da Linguagem Musical com a professora Patrícia Pederiva, apresentei um trabalho para explicar o meu processo de tradução de música. Esse trabalho se transformou em oficina e foi apresentada durante os seis semestres subsequentes. E a cada apresentação, Pederiva me mostrava elementos novos que eu nem me dava conta, mas que já ocorriam na minha prática. A Professora me fez enxergar vários elementos que até hoje são discutidos em todos os trabalhos acadêmicos que apresentei em congressos, simpósios e nas oficinas ministradas. E graças às discussões que se iniciaram nesta disciplina, pude aprofundar meu pré-projeto apresentado na seleção de mestrado do Programa de Pós-graduação em Tradução do Instituto de Letras desta Instituição, no qual obtive êxito e fui selecionado em segundo lugar.

À UnB eu só tenho a agradecer. Foi aqui que pude observar formas muito mais livres de ser no processo ensino-aprendizagem. E isto sem comprometer a qualidade do trabalho apresentado. Foi aqui que vi professoras e professores sérios e comprometidos

com uma educação de qualidade lidar com toda a amorosidade necessária para alcançar o acolhimento.

Nesta instituição encontrei com “Os Cumpadi e As Cumadi”, um grupo tão significativo pra mim quanto a minha própria existência. Victor Lino, Mateuzera, Fabi, Maíra, Wesley, Marinão, a Jackó, Deisoca, Tamine, Vina; e um grupo tão próximo quanto como a Renathinha, Rackelzona, Maria Claudia B, Yuri Mello, Paulitcha, Gnomo. Estas pessoas me ensinaram e ensinam tanto com as suas vidas, militâncias, engajamentos políticos na vida. Eu as amo tão profundamente e só sei que se há uma essência em mim, ela retira a casca perto delas e deles.

Na UnB também pude participei do Estágio de Vivência Interdisciplinar – EIV, um estágio organizado, estruturado e operacionalizado por ex-eivianos. O estágio consistem em um período anterior de discussões políticas, que no caso do meu estágio durou 3 dias, depois disto eu estive por 12 dias em um acampamento da Reforma Agrária do MST e retornamos para mais 3 dias de avaliação e debate sobre a estadia. Além das amizades que se mantém até os dias de hoje como a de Nana (Mariana Lima), Ana Livia (tão próxima a minha vida quanto ao grupo de cumpadis e cumadis), Jú Itacarambi, João, Raíssa, Mamede, Lucas, entre outros. Eu morei por 3 meses no MST. Auxiliei a ocupar um acampamento e pude aprofundar o estágio. Depois dessa experiência eu participei do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) na condição de estagiário.

Nesta Faculdade de Educação eu aprendi com pessoas tão apaixonadas pelo que fazem e comprometidas com a formação dos futuros profissionais! Docentes que brigavam, xingavam, até que os alunos aprendessem o conteúdo. E o faziam com um carinho tal que aluno nenhum jamais se sentiu acuado. Olhos que amavam, que ensinavam, que se comprometiam, que desejavam. E como é uma UNIVERSIDADE, foi também aqui que minha paixão pela astrologia se iniciou, que houve uma transformação da cosmovisão, queda de tabus religiosos, e surgimento de outros olhares para o sagrado. E o interessante é que a maioria destas desconstruções aconteciam em sala de aula, inclusive com professores que trabalhavam os chakras a partir da concepção de tribos indígenas brasileiras, astrologia, calendário maia... Foi a primeira vez que li sobre eneagrama e a teosofia. E por amigos fui apresentado a Ayuaska, argireia, ao uso mais devocional da Santa Maria ou Cannabis Sativa e outras formas de me relacionar com substâncias enteógenas. Resignifiquei a minha fé e comecei a frequentar a umbanda e o candomblé, além de meditar e etc.

A Universidade de Brasília sem dúvida se constitui no espaço de maior transformação da minha existência, pelas múltiplas possibilidades de atuação vivenciadas. Gratidão, UnB!

O SURDO: DA EXCLUSÃO À INCLUSÃO CULTURAL

A história da surdez é marcada pela história da exclusão. Essas exclusões se deram em diversas frentes: social, econômica, afetiva, religiosa educacional, cultural, entre outras. Nesse capítulo, abordaremos a exclusão vivenciada pelos surdos no aspecto educacional (que possui um referencial teórico mais consistente) e linear com a exclusão em espaços de produção cultural. Os surdos em todo período histórico estiveram à margem da sociedade por possuir um sistema linguístico diferenciado da população não surda, tornando assim a comunicação precária ou inexistente. Este distanciamento passou a ser atenuado a partir do século XVI (DIAS, 2006, p.164). Só a partir de então, alguns estudiosos passaram a reconhecer que a surdez não impedia o aprendizado, o que possibilitou a criação de metodologias educativas direcionadas à pessoa surda. A experiências de Gerolamo Cardano (1501-1576) pode ser citada pois apontava para o possível aprendizado da escrita, e que com a mesma, esses poderiam expressar os seus sentimentos (JANNUZZI, 2004, p.31)

Ponce de Leon, um monge beneditino que viveu no século XVI, cujo título de *primeiro professor de surdos* foi recebida pelo mérito de ter sido o pioneiro a ensinar a linguagem articulada aos surdos. Informações transmitidas revelam que o “monge trabalhava com rótulos, nomes escritos pregados em tudo, e indicações de palavras escritas para associar à pronúncia da mesma, e que ele utilizava um modo de soletrar no ar (alfabeto manual) (PLANN, 1997, p. 30 *apud* LACERDA, 2009).

Durante os séculos XVI E XVII alguns outros professores buscaram ensinar aos surdos, contudo, a maioria utilizava a metodologia de ensino de ouvintes. Somente no século XVIII, por motivos religiosos, os abades passaram a inquietar-se com os surdos vivendo e morrendo sem a absolvição dos pecados, catecismo e o conhecimento das Sagradas Escrituras. Para solucionar a questão, em Paris, foi fundado, pelo abade Charles Michel de L’Epée (1712-1789), um asilo para pessoas surdas. L’Epée considerava que o fundamental era que os surdos escrevessem e se comunicassem por meio da língua de sinais, pois esta seria essencial ao processo pedagógico (SILVA et al, 2006).

O abade, ao observar surdos, constatou que a comunicação desenvolvida e utilizada no canal viso-gestual era satisfatória. Tal averiguação impulsionou a criação de

uma metodologia educacional denominada “sinais metodológicos”, resultante de uma mescla de sinais da comunidade surda e de outros inventados pelo abade, ancorados na linguagem de sinais da comunidade de surdos. Neste processo revolucionário, os educadores deveriam aprender a língua da comunidade surda, como o objetivo de ensinar a língua falada do grupo majoritário, o dos ouvintes (LACERDA, 1998).

A primeira escola pública para o ensino da pessoa surda foi fundada em 1775 em Paris, onde “professores e alunos utilizavam-se dos sinais metódicos” (LACERDA, 2009). Os trabalhos oriundos desta dinâmica eram publicizados em reuniões rotineiras visando a discussão dos resultados. L’Epée defendia que a linguagem de sinais é a língua natural dos surdos e, por meio dela, poderia se desenvolver o pensamento e a comunicação. Lacerda (1998) ressalta que o abade “publicou um livro para relatar as suas técnicas” em 1776 e Silva (2003) informa que a escola fundada por L’Epée em 1791 galga o status da nomeação de Instituto Nacional para Surdos-Mudos, em Paris. O processo de aprendizagem dos surdos progrediu de forma impressionante:

Os surdos da escola pública, em Paris, após cinco ou seis anos de formação, dominavam a língua de sinais francesa, o francês escrito, o latim e uma outra língua estrangeira também, de forma escrita, [...] tinham acesso aos conhecimentos de geografia, astronomia, álgebra, etc., bem como artes de ofício e atividades físicas (SILVA et al, 2006, apud LACERDA 2009).

Nesse contexto, L’Epée, ancorado na linguagem da ação, criou

... uma arte metódica, simples e fácil, pela qual transmitia a seus pupilos idéias de todos os tipos e até mesmo, ousou dizer, idéias mais precisas do que as geralmente adquiridas através da audição. Enquanto a criança ouvinte está reduzida a julgar o significado de palavras ouvidas, e isto acontece com freqüência, elas aprendem apenas o significado aproximado; e ficam satisfeitas com essa aproximação por toda a vida. É diferente com os surdos ensinados por L’Epée. Ele só tem um meio de transmitir idéias sensoriais: é analisar e fazer o pupilo analisar com ele. Assim, ele os conduz de idéias sensoriais a abstratas; podemos avaliar como a linguagem de ação de L’Epée é vantajosa

sobre os sons da fala de nossas governantas e tutores. (SACKS, 1990, p.37).

Mesmo com as experiências exitosas de L'Épée, Silva (2003) afirma que o abade sofreu críticas de especialistas como Heinicke (Alemanha) e Pereira (Portugal) pela utilização da Língua de Sinais, pois os opositores julgavam a língua como desprovida de gramática, o que impossibilitaria a reflexão dos surdos em vários assuntos. Estes profissionais postulavam que o aprendizado somente poderia ocorrer mediante a língua oral, servindo a língua escrita para apoiar o aprendizado desta (LACERDA,1998).

No século XVIII ocorreu uma divisão real entre L'Épée e Heinicke. Heinicke envia uma correspondência a L'Épée, afirmando: “Nenhum outro método pode ser comparado ao que eu inventei e pratico, porque esse se baseia totalmente na articulação da linguagem oral” (SKLIAR, 1997b, p.30 apud GUARINELLO, 2007, p.23). L'Épée discorda totalmente.. E ambos passam a defender a educação a partir de visões diferentes: L'Épée baseado na língua de sinais e Heinicke no oralismo (TUXI, 2009).

Na América do Norte, em específico nos Estados Unidos, não havia escolas para surdos. Foi a partir do século XVIII que Thomas Hopkins Gallaudet iniciou o trabalho para ensino de uma criança surda. O material utilizado tinha por base os princípios de L'Épée. A partir dessa atuação junto a um aluno surdo, Gallaudet junto a um surdo, Laurent Clerc, funda a primeira escola pública para surdos naquele país, chamada Connecticut Asylum for the Educational Instruction of Deaf and Dumb Persons.

Lacerda (1998) enfatiza que este debate entre sinalizadores e oralistas se estende até 1878, quando se realizou o primeiro Congresso cujo tema central era a educação para as pessoas surdas, denominado de I Congresso Internacional sobre a Instrução de Surdos. Este congresso direcionou as principais propostas educativas e políticas educacionais para os surdos em um período superior a 100 anos.

Ao passar por uma série de avanços tecnológicos no mundo, várias deficiências começam a ser vistas como limitações que precisam ser “curadas”. De acordo com Tuxi (2009) vários estudiosos da época apontam que o sucesso de reabilitação para os surdos ocorre apenas pela fala. O mais importante defensor do oralismo foi Graham Bell, que devido aos seus inventos da época, se tornou um homem influente e poderoso no meio social. No Congresso de Milão, em 1880, Bell defende o oralismo. Neste evento fica definido que o oralismo é a melhor metodologia de ensino para os surdos e proíbe-se o

uso da língua de sinais. Após essa decisão, o oralismo toma conta de toda a Europa e permanece até a década de 1970.

Contudo, devido ao baixo resultado de aprendizado os surdos, pais e estudantes questionam a fragilidade da oralização como metodologia de ensino nos espaços escolares. Um grupo de pais propõe a adoção da língua de sinais. Essa filosofia fica conhecida como Comunicação Total, que significa o uso de gestos naturais, da língua de sinais, do alfabeto digital, da expressão facial, da fala e dos aparelhos de amplificação sonora para transmitir a linguagem (QUADROS, 2004).

Na Comunicação Total o que foi favorecido de maneira efetiva foi o contato com sinais, que era proibido pelo oralismo. No entanto, apesar de ser considerada uma evolução, alguns estudiosos começam a questionar qual língua estava sendo realmente ensinada. A filosofia da Comunicação Total também ficou conhecida como bimodalismo por utilizar duas línguas ao mesmo tempo (TUXI, 2009). A comunicação total não teve muitos efeitos, pois os resultados escolares dos surdos não foram significativo.

No início dos anos oitenta inicia-se um movimento de reivindicação dos surdos. Estes desejavam que a língua de sinais fosse reconhecida como língua própria de comunicação e uso da comunidade surda. Sendo assim, por volta de 1980, os surdos passam a reivindicar um idioma próprio, a língua de sinais, como primeira língua (L1) e a língua majoritária como segunda língua (L2). A essa filosofia de educação dá-se o nome de bilingüismo (GUARINELLO, 2007).

No Brasil somente no ano de 2002 a língua de sinais ganha status social, com o reconhecimento pela Lei 10436/2002. A partir dessa data, a língua de sinais é considerada a língua da comunidade surda e a língua portuguesa passou a ser considerada como a segunda língua do surdo. Dentro desta perspectiva, o bilingüismo passa a ser a metodologia educacional e filosófica da educação dos surdos. O bilingüismo é uma proposta de ensino que preconiza o acesso a duas línguas no contexto escolar, considerando a língua de sinais como língua natural e partindo desse pressuposto para o ensino da língua escrita (QUADROS, 2006). A proposta bilíngüe busca resgatar o direito da pessoa surda de ser ensinada em sua língua, levando em conta os aspectos sociais e culturais em que está inserido (SALLES et al., 2002).

É na proposta bilíngüe que surge a figura do tradutor/intérprete de língua de sinais - TILS. Por meio deste profissional, o Surdo, nas diversas esferas da sociedade, passa a ter acessibilidade linguística na sua primeira língua, como é garantido na lei.

Porém, devido a pouca informação sobre o bilinguismo, grande parte da sociedade desconhece o que preconiza o uso da língua de sinais por parte a comunidade surda e os direitos de uso e acesso que os usuários de L1 têm. Outro grande desconhecimento é sobre quem é esse profissional que atua como um tradutor entre línguas de modalidade diferentes e sua função.

No ano de 2005, por meio do Decreto 5626, ocorre a regulamentação da Lei 10436/2005. Muito do decreto esclarece sobre a questão da língua Brasileira de Sinais – Libras e todo seu desenvolvimento nas diversas esferas federais. Este trabalho pretende discutir uma dessas linhas, relacionada ao trabalho do tradutor intérprete da língua de sinais dentro de espaços culturais e sociais envolvendo a música.

O tópico a seguir trata das abordagens teóricas e metodológicas que fundamentam o trabalho de tradução do intérprete de LIBRAS, profissão ainda pouco conhecida por muitos no Brasil.

Nele, discutiremos a tradução e interpretação de Libras em contextos artísticos.

ABORDAGENS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS E A COMPLEXIDADE DO TRABALHO DE TRADUÇÃO- INTERPRETAÇÃO NA MÚSICA, POESIA E TEATRO

Como vimos no tópico anterior, a história da surdez é marcada pela história da exclusão em diversos aspectos, sendo um dos primordiais a exclusão do conhecimento e por consequência, cultural. A maioria dos surdos não teve possibilidade de acessar o arcabouço cultural devido à barreira linguística e comunicacional. Assim, assegurar-lhes o direito ao acesso destas narrativas por meio da tradução é uma das formas de possibilitar-lhes a compreensão da realidade que os cerca, da cultura ouvinte majoritária.

Como referencial teórico para norteia este trabalho foi utilizada a abordagem funcionalista de Nord (1991), bem como a Teoria da Tradução Intersemiótica, desenvolvida por Julio Plaza (1987), e embasada na Teoria Semiótica de Charles Sanders Peirce (2010)

A primeira percebe a tradução como um ato de comunicação intercultural, onde se entende texto de partida e o texto de chegada como pertencentes a sistemas culturais distintos. Nessa base se faz necessário que o tradutor intérprete de língua de sinais também analise esses sistemas de língua com suas particularidades individuais, porém tendo como referencial o olhar do público-alvo, no caso o Sujeito Surdo.

Na segunda proposta teórica, embasada na teoria de semiótica de Charles Sanders Peirce, se faz necessário compreender a tradução como expressão artística basilar da contemporaneidade e que enxerga a todo instante a necessidade de dialogar com outras áreas semióticas a fim de abarcar a complexidade da tradução intersemiótica, no caso do estudo português e língua de sinais.

Vale lembrar a tipologia para a tradução proposta por Roman Jakobson (2008) na qual ele distingue três modalidades: a tradução intralingual ou reformulação, tradução interlingual ou tradução propriamente dita e a tradução intersemiótica ou transmutação:

1.A tradução intralingual ou reformulação (rewording) consiste na interpretação de signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.

2.A tradução interlingual ou tradução propriamente dita consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.

3.A tradução intersemiótica ou transmutação consiste na interpretação de signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais. (JAKOBSON, 2008, p. 64)

Pensando na tradução apresentada nesse trabalho, temos a tradução de música, com suas particularidades de linguagem musical, para Libras, assim, uma tradução intersemiótica, pois a mesma não se restringe apenas aos signos linguísticos/discursivos, mas busca abarcar abarcar os síngos musicais como: tempo, compaço, melodia, ritmo e etc. Na concepção de Julio Plaza (1987), o processo tradutório criativo de linguagens não possui relação direta com a fidelidade, pois ele cria/constrói a sua “própria verdade” o seu próprio conceito real. Conceito a ser trabalhado em relação à tradução do material proposto por esta pesquisa.

Desta forma, Tradução é uma das formas de criar e re-criar, pois o pensamento é a “transmutação” de um signo em outro signo. Assim, todo pensamento é tradução por efetuar este processo, trazendo ao nível da consciência todas as “imagens, sentimentos ou concepções passíveis de uma compreensão abstrata e conceitual” (PLAZA, 1987, p. 18). Neste sentido, é a linguagem a responsável por externalizar os signos elaborados na mente.

Traduzir de português para libras é, na maioria das vezes lidar com a constante comparação entre a língua fonte e a língua alvo, uma vez que os registros são realizados para um público cujo objetivo é obter as informações que circulam no grupo majoritário. Assim, o texto produzido na língua de chegada quase sempre vai estar ao lado da língua de partida, seja por áudio ou por legenda. E diante desta premissa, se poderá assumir ou não as adaptações com maior ou menor ousadia, a fim de alcançar um determinado objetivo, seja de tornar a linguagem mais acessível na língua de chegada ou de causar os estranhamentos intencionais que se julgue necessários.

Diferente da maioria das traduções entre línguas orais, a tradução de uma língua oral para uma língua de sinais quase sempre é realizado por um estrangeiro da

segunda, exceto quando o tradutor é filho de surdos, que mundialmente são conhecidos pela sigla CODA – Child Of Deaf Adults. Em geral, estes filhos tiveram como primeira língua as línguas de sinais dos pais, o que não ocorre com a maioria dos Tradutores Intérpretes de Línguas de Sinais – TILS, pois estes, em sua maioria, aprenderam as línguas de sinais em sua juventude ou já na idade adulta, em cursos ou na convivência com os surdos.

Muitos aspectos históricos são passados de forma cultural pela música. Para o Surdo, esse conhecimento fica alheio se não é feito de forma acessível, ou seja, por meio da Língua de Sinais. Atualmente poucos são os estudos que apresentam uma análise ou descrição de como esse processo tradutório ocorre. Há pesquisas sobre a interpretação e tradução da língua de sinais em espaços como congressos e sala de aula, mas as mesmas não contemplam a área cultural como: música, poesia ou teatro.

A Professora da Universidade Federal de Santa Catarina do curso de Letras/Libras Bacharelado – Tradução Silvana Aguiar dos Santos, em sua tese de Doutorado (2013) pesquisou todas as dissertações de mestrado e Teses de Doutorados no banco de dados da CAPES, entre os anos de 1990 a 2010. Na única menção sobre a parte cultural encontrada em seu trabalho, nas páginas 106 e 107, após extensa revisão bibliográfica, Santos menciona alguns trabalhos que apontam a necessidade de formação artística dos tradutores e intérpretes de língua de sinais – TILS.

Mas esse processo de tradução não é tranquilo para o profissional que o realiza, pois conforme Rigo (2013, p. 26):

Este desafio não se restringe a problemas tradutórios textuais e linguísticos. Traduzir canções implica também fatores de ordem política e cultural que, no caso da especificidade do texto original (canções) e o respectivo público alvo de tradução (pessoas surdas) as problemáticas tradutórias se acentuam uma vez que relações de poder, valores linguísticos, questões interculturais e etc. permeiam esse tipo de trabalho.

Há nesse sentido uma preocupação pedagógica para que estes conhecimentos sejam acessados pelos surdos da forma mais adequada possível.

Apresentamos a seguir a síntese de três trabalhos de tradução/interpretação realizados pelo autor, na esfera da música, do teatro e da poesia.

Experiências de tradução-interpretação no Teatro

O projeto de tradução-interpretação de espetáculos teatrais talvez seja o de maior exigência no que se refere a adaptabilidade do profissional. Levar em consideração vários discursos, iluminação, alteração da atmosfera emocional de cada cena, e interpretar a fala de dois, três, quatro ou mais personagens em cena ao mesmo tempo, e os constantes improvisos que saem do texto inicialmente traduzido é um desafio para qualquer profissional.

Neste trabalho tenho como objetivo discutir as estratégias utilizadas no processo de tradução e interpretação da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais Brasileira – Libras da peça Teatral TRADIÇÃO VIVA – CONTOS AFRICANOS, texto de Nãnan Matos e direção de Abaeté Queiroz, bem como discutir as dificuldades encontradas para realizar este trabalho durante este percurso, O espetáculo narrava dois Itãs (mitos) um da cultura Malê e outro da Yorubá através da música, contação de histórias com bonecos de luva e de manipulação direta, dança e teatro com personagens encenados por atores. Ao todo, nove personagens compuseram as tramas, alguns destes também músicos da banda e o intérprete de libras cujo papel era, não apenas de interpretar, mas de facilitar a visualização de forma imagética, compondo desde o figurino ao posicionamento (ao centro do palco, ladeado com os personagens principais) e interagindo alguns momentos com o elenco sem que para isso deixasse de cumprir a sua função principal.

A partir da tradução artística visual se tornou possível traduzir eventos culturais, principalmente teatro, para língua de sinais. A metodologia adotada teve como primeiro passo analisar os termos da língua Malé e Yorubá. Foi necessário buscar nos glossários a definição e suas possíveis traduções. Após esse passo o texto foi lido e subdividido em unidades de tradução para em seguida analisá-las quanto ao encadeamento linguístico que precisou ser organizado e forma a não cortar a cadência e ritmo do espetáculo. Devido a questões semânticas utilizadas na estrutura textual, fez-se necessário utilizar como base os estudos da Tradução e da Adaptação com base nas teorias de Hutcheon (2006), bem como a utilização de recursos sugeridos por (PAGANO, 2009) como o de buscar estratégias e técnicas externas ao tradutor. E foi assim, explicitando o meu problema ao diretor de teatro, que conseguimos juntos encontrar a solução para interpretar a fala de cinco atores em cena, cujas falas se

atropelavam. Foi com um recurso cênico na expressão que consegui identificar os meus falantes, e não com recursos linguísticos de utilização de dêiticos que costumeiramente utilizamos para marcar o discurso, como explicitado no excelente trabalho de Bolgueroni e Viotti (2013, pp 21-25).

A partir das escolhas realizadas, as unidades foram registradas para análise e, se necessário, novas propostas de tradução eram feitas. Faz-se necessário salientar que durante o espetáculo ocorreu o trabalho de interpretação (aos moldes das interpretações simultâneas) nos momentos de improvisação dos atores. Com base nestas observações foram criadas estratégias diversas para se atingir o resultado de forma satisfatória e clara. O espetáculo foi encenado na Funarte, na cidade de Brasília DF, nos dias 20, 21,22 de novembro de 2014 na cidade de Brasília.

Experiências de tradução-interpretação na Poesia

A poética escolhida por cada escritor possui marcas bastante peculiares. No trabalho de tradução do vídeo de apresentação da Casa de Cora Coralina, havia a necessidade de interpretar com muito zelo todas as falas de Cora, que é em si a manifestação da poesia.

Durante a tradução que a professora Patrícia Tuxi, do departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, e eu realizamos, em 2013, buscamos encontrar o fator que gera a emoção na fala da poetiza, tentando recriar poeticamente uma estrutura que remetesse ao conteúdo/forma dos versos de Cora Coralina.

Neste processo tradutório para este Documentário produzido pela Casa de Cora Coralina, com o título “Cora Coralina vida e obra”, Fontes documentais do Museu Casa de Coralina, como metodologia tivemos como primeiro passo organizar o vídeo em unidades de tradução como no teatro, para em seguida analisá-las quanto ao tipo de tradução a ser adotada. A partir das escolhas feitas, as unidades foram gravadas. Inicialmente a gravação serviu como um esboço de análise. Com base nestes estudos foram criadas estratégias diversas para tentar alcançar a tradução esperada. O vídeo final foi produzido e hoje faz parte do acervo de recepção dos visitantes da Casa de Cora Coralina. Oferecido em diversas línguas, inclusive na Língua de Sinais Brasileira – LSB.

Experiências de tradução-interpretação na Música

Algumas músicas parecem possuir uma narrativa mais imagética e aparentemente propiciam ao ouvinte a criação mental dos seus próprios vídeos cliques (JEANE FELIX, 07/15). Na trama discorrida nas canções, é possível observar ou recriar uma cena cuja narrativa auditiva possibilita ao ouvinte uma recriação visual de uma determinada história. Posso exemplificar com duas músicas da banda Legião Urbana. As narrativas de “Eduardo e Mônica” e “Faroeste Caboclo” invadem o nosso cérebro, impelindo-nos a criar sucessões de cenas de forma imagética, assim auxiliando o processo mental tradutório intersemiótico, na transformação de um conjunto de signos de uma determinada linguagem em outra. Inclusive, estas duas músicas tiveram suas traduções intersemióticas realizadas e registradas em dois processos audiovisuais. A primeira em um videoclipe com fins comerciais lançado pela VIVO, uma empresa de telecomunicações, e a segunda em um longa-metragem feito pela Globo Filmes.

Apesar de compreender que este processo ocorre no primeiro momento de forma não intencional, ele deve ser trabalhado, burilado, reestruturado com técnica e fundamentação teórica adequada. No entanto, não podemos ignorar que este gênero textual sugere o tipo de recriação mencionado.

A relação dos personagens nestes enredos fez-me pensar em um espaço cênico imaginário onde as relações de suas ações já contribuem com esta sinalização. Em verdade, é a forma como percebemos, sentimos e enxergamos os acontecimentos narrados nas canções que nos fazem expressar de uma forma mais icônica. Isto é, utilizando descrições imagéticas (MARCUS LUCKI, 2013) que conduzam o falante da língua de chegada à visualização da cena de uma forma que seria o ponto médio entre a língua dura e a mescla de cenas de teatro, fantoches, animação e cinema. O amálgama de todas estas técnicas e linguagens, empregadas na narração do sinalizador que com suas mãos, rosto e todo o corpo, com seus recursos de potência e limitação, expressam as cenas, uma a uma, seguindo o ritmo impresso pela melodia, harmonia e cadência musical, buscando uma sinestesia.

E como alguém que começa a teorizar sobre a própria prática e as práticas dos pares, até o momento tenho compreendido que, ao preparar uma tradução de uma determinada música, sempre devemos observar três fatores, a saber: musicalidade,

sentimentos e sua expressão e a letra da música. Estes três elementos são simbióticos, amalgamados e não hierarquizados.

Defendo que no estudo musical o intérprete deve-se deixar levar pela melodia, para sentir a qualidade dos sinais empregados no texto de chegada, perceber se haverá mais suavidade, prolongamento do tempo e espaço do sinal empregado, em que momento deverá ser interrompido e de que forma este surge. Ou seja: qual o período exato na melodia em que uma configuração de mão é conduzida a outra configuração, a fim de expressar uma nova ideia.

No estudo das emoções empregadas na canção: dor, separação, perda, esperança, contemplação, desejo, desespero, alegria, confiança, amor, tais sentimentos devem ser demonstrados de forma cênica, com expressões e posturas corporais que levem ao vidente das cenas interpretadas a compreensão e a experenciação do sentimento envolvido; e que essas expressões sejam demonstradas tanto nas incorporações dos personagens como nos movimentos manuais.

Um outro fator é o texto da língua de partida, que envolve a compreensão da estrutura sintática, com todos os seus sintagmas, a semântica e a pragmática. As figuras de linguagem e obviamente de todo o léxico que amarra o sentido de cada palavra em sua ordem propositalmente escolhida deve ser levado em consideração na hora da tradução, de forma que o texto ressoe da maneira mais próxima na recriação em língua de sinais.

Tenho tido dificuldade em compreender algumas questões expostas em alguns artigos que tratam da tradução de músicas de línguas orais para uma língua de sinais. Algumas destas questões estão relacionadas com a aceitação ou não da tradução realizada pelo intérprete. E tal motivação se dá por fatores políticos e ideológicos. Como se a tradução dependesse disso para ser ou não aprovada. As questões técnicas, tradutórias, são deixadas em segundo plano, em detrimento de uma arte pura ou algo que nasça da comunidade e para a comunidade surda. Como se a arte pudesse ser limitada pelos olhares e visão de mundo de um determinado grupo. Às favas com isso! Se está dentro dos parâmetros linguísticos, dentro de uma estrutura poética que adequa-se ao discurso, inclusive no que diz respeito a ser desvio; se emociona falantes da língua (sobretudo aos que a utilizam exclusivamente com o recurso visual), não há por que ser reprimida. Imagina se eu só puderei utilizar a língua inglesa para defender os valores ingleses ou americanos! E é obvio que a questão tem um viés um tanto quanto

diferente, porque o citado exemplo trata-se de uma língua dominante e vigente, enquanto que a LIBRAS, por sua vez, refere-se a uma língua de minoria.

Embora eu compreenda que no caso das línguas de sinais, trata-se da minoria, não acredito que esta seja de fato a questão. Penso que o que tem que ser dito é que há sim uma arte no traduzir. Uma poética de mestiçagem, que aponta aspectos das duas línguas e culturas. O traduzir não tem que ser e jamais será uma arte surda. Não se trata de fazer poesia surda. Trata-se de uma arte da mestiçagem. LAPLANTINE e NOUSS (2011), ao discutirem a relação dos grupos étnicos da Andaluzia medieval, ponderavam: “Não se trata, contudo, da fusão das diversidades culturais numa identidade, antes de uma acareação permanente que não apenas religa como transforma uns e outros” (2011, p. 44). Nesse sentido, sugiro que a arte da tradução de músicas, teatro e poesia trata-se de um processo de recriação que encontra-se num contínuo entre as duas culturas, negociando e ressignificando as duas nesta mestiçagem contínua, tensa e intensa.

REFLEXÕES DE UM TRADUTOR/INTÉRPRETE CULTURAL

A cultura de um povo é embrionada e parida cotidianamente pelas suas práticas, suas produções, suas relações e cosmovisão. As relações que nos tornam humanos, nos traspassam e nos constituem, e ao transcendermos, geramos conhecimento artístico, filosófico, científico, mítico, religioso, esotérico.

Roque Laraia, citando David Schneider, ressaltou que: “Cultura é um sistema de símbolos e significados. Compreende categorias e unidades e regras sobre relações e modos de comportamento” (LARAIA, 2007).

É nessa efervescência do sentir, intuir, refletir, agir, vivenciar, que podemos expressar as nossas mais belas criações. No entanto, para que tais relações aconteçam se faz necessário que haja um sistema de códigos para que a comunicação entre os pares aconteça. Tal sistema tem sido denominado como língua.

Através dos séculos a humanidade vem aperfeiçoando e legitimando a língua como a sua principal fonte de intercomunicação em seu meio. Com ela podemos expressar, na maior parte dos momentos, de forma mais precisa, os nossos sentimentos e é inclusive nela que conseguimos organizar os nossos sentimentos e pensamentos.

No entanto, diversos segmentos da sociedade não têm acesso a uma gama de produções artísticas. As populações vulneráveis socialmente em geral têm dificuldade de acessar aos bens culturais produzidos e direcionados a uma elite econômica. Dentre estes grupos marginalizados podemos citar, a fim de exemplificação, as comunidades de periferia. Esse grupo sofre com diversos preconceitos. Econômico (pela localização do bairro, região administrativa, marcas ou ausência delas nas roupas que vestem); racial (porque são sim em sua maioria pessoas negras e historicamente muito pouco bem-vindas a espaços onde a maioria das pessoas é branca); educacional (pois vieram de escolas cujas condições de ensino, seja pela escassez de material didático, seja pelo corpo docente desmotivado com condições de trabalho inadequadas, superlotação das turmas e etc. não propiciaram uma formação mais sólida). Isto, sem falar de outros grupos sociais ainda mais marginalizados, como os transexuais e transgêneros, cuja condição social, embora possa até ser advinda de classes mais elitizadas, mas que em sua maioria perdem o apoio dos familiares e já em sua adolescência são expulsos de casa, rejeitados na escola e discriminados em ambientes profissionais. A estes, o

caminho dos subempregos ou da prostituição para saciar a volúpia dos mesmos senhores que os rejeitaram e os condenaram.

No entanto, não é objeto deste trabalho a problematização pormenorizada destes outros grupos sociais. Pretendo me ater à comunidade surda, grupo do qual venho falando e discuto esta forma de exclusão. A exclusão linguística vem ocorrendo sistematicamente em relação às produções culturais. A Comunidade Surda tem sofrido com a falta de acesso aos bens culturais produzidos pela cultura hegemônica, a sociedade ouvinte. E não se trata das produções que as surdas e surdos realizam utilizando a libras. Não! De fato, este tipo de produção cultural constitui um forte empoderamento que a comunidade tem utilizado para a sua emancipação. E buscarei tratar destas questões posteriormente. Mas a exclusão a que me refiro trata-se dos saberes produzidos e acumulados historicamente pela sociedade dos ouvintes, a mesma que não só detém os meios de produção, como também se apropria das produções culturais ou financia trabalhos para atender aos seus interesses.

A maioria dos surdos não consegue acessar as salas de teatro, exposições de artes visuais e shows musicais pela falta de intérpretes de língua de sinais nestes espaços. Não tem havido interesse público para tal realização e ainda há uma precarização da profissão de tradutor-intérprete de língua de sinais – TILS.

Estes elementos culturais alimentam o imaginário das populações, de forma que uma música, uma peça, um filme, contribuem inclusive para as estruturas mentais de uma determinada população ou aqueles que os veem. A comunidade surda, no entanto, pela falta de acessibilidade linguística fica alheia a estes acontecimentos e aos conhecimentos compartilhados, pela falta de uma tradução. E os motivos são os mais diversos alegados. Desde a questão econômica ou a estética do espetáculo. Seria injusto falar que mesmo hoje, em meados da segunda década do terceiro milênio, não temos um contingente de profissionais suficientemente habilitados para ocupar com qualidade estes espaços. Como mencionado anteriormente, os TILS brasileiros vieram até os anos 80/90 oriundos das instituições religiosas. E a partir de meados dos anos 2000, com a oficialização da LIBRAS pela lei 10.496/2002 e pelo Decreto 5.626/2006, que regulamenta a citada lei, houve uma expansão do número de intérpretes, contudo com expansão tímida da oferta de cursos de Libras de qualidade e menos ainda de cursos de tradução e interpretação em qualquer nível. Seja de graduação, pós-graduação ou até mesmo em nível técnico.

O que há são cursos oferecidos por instituições filantrópicas. Algumas com uma exigência dos docentes e discentes que justificam a certificação. Outras, nem tanto. E ainda para agravar, alguns dos profissionais de tradução e interpretação não tiveram um processo educacional adequado e um número significativo se quer passaram por uma cadeira de universidade em qualquer formação, tornando assim a categoria muito mais vulnerável e sem arcabouço técnico-teórico para dialogar com os profissionais da área de arte.

E temos que retornar mais uma vez ao Estado. Apenas no ano de 2006 o curso de Letras/Libras foi iniciado pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, que o ofereceu como licenciatura (ensino de libras) e na modalidade a distância, inicialmente com 7 polos em todo o Brasil. Somente no Ano de 2008 o as turmas de bacharelado tradução se iniciaram, agora em 15 polos no Brasil, com uma média de 40 alunos por turma. Evidentemente isto não foi o suficiente para abarcar a quantidade de profissionais existente, entretanto contribuiu para fomento e a criação dos mesmos cursos em outras universidades. No entanto, a relação de cursos de letras/libras ainda permanece desigual no que diz respeito à quantidade de turmas destinadas a licenciaturas e ao bacharelado.

Sendo assim, os intérpretes em geral se formaram no dia-a-dia, observando e sendo aconselhados pelos seus colegas e surdos mais experientes. Como concludente de um curso de uma instituição formadora de professores, sei o quanto é importante o saber acumulado e quanto o processo de formação mais sistematizado pode contribuir significativamente com o profissional e a sua práxis.

Assim, não posso me furtar a ponderar que, sendo o intérprete de libras um mediador e facilitador do processo comunicacional entre os surdos e os ouvintes, faz-se necessário uma formação que tenha um viés linguístico e tradutório, com a finalidade de que o sujeito egresso deste curso conheça as teorias e domine processos tradutórios com conhecimento de causa, mas que também haja em sua formação uma quantidade significativa de créditos destinados aos múltiplos espaços onde ele poderá atuar. Alguns destes, inclusive obrigatórios, como o educacional, por ser hoje a principal demanda de atuação do TILS, saúde, eventos (dos mais diversos), a parte cultural (teatro, tv, exposições e etc.), organizacional, entre outros.

E não é exagero enfatizar que tais áreas devem sim ser cobradas durante o estágio técnico com supervisão do intérprete que atua nestes espaços, do professor e/ou

coordenador do estágio. Ressaltando mais uma vez a necessidade de trabalhar em sala de aula obrigatoriamente, mas também em outras áreas de atuação profissional.

Enfatizo a necessidade do professor Surdo na formação deste profissional. Há relatos da forma preconceituosa como diversos TILS tratam os Surdos durante o atendimento. Embora não haja comprovação, tenho fortes indícios, pelas discussões em que participei com colegas de categoria, que tais ações ocorrem pela forma como o TILS vê o surdo, com o estigma de ser inferiorizado, iletrado, incapaz e etc. Este pensamento recorrente se dá pela não problematização dos motivos pelos quais a maioria dos surdos não alcança um nível de abstração satisfatório, capaz de responder a altura aos questionamentos. Pelo descaso que sofreram durante todo o processo educacional e pela forma excludente em todos os espaços, inclusive, na maioria das vezes, na família.

Há que se falar da falta de interação com surdos mais intelectualizados, de forma que a convivência derrube de fato tabus absurdos referentes a falta de capacidade ou condições intelectuais de galgar uma outra condição social. Digo isso, pois percebo que há uma não preocupação, uma falta de zelo que perpassa pelo cuidado, e neste caso a ausência dele, em achar que um determinado grupo não pode alcançar um grau de sofisticação e ou erudição no pensamento e na língua.

Em toda a minha carreira eu tenho visto como os surdos veem sendo marginalizados pelos ouvintes que deveriam contribuir com a inclusão dos mesmos. No entanto, muitos TILS, ao se deparar com surdos de uma escolaridade fragilizada, uma classe econômica menos abastada, e principalmente, com a aquisição de língua que propicie apenas um discurso desconectado e sem rebuscamento, ignoram a sua função de facilitadores de comunicação, não se enxergando como elementos importantes para um possível desenvolvimento cognitivo e intelectual destes surdos, inviabilizando assim as possibilidades de contribuição emancipatória; e em alguns casos induzem as decisões dos seus clientes, ou até mesmo as tomam por eles.

Essas questões poderiam ser minimizadas se houvesse um acesso maior a cursos de formação. Desde a extensão universitária, cursos técnicos e ou tecnólogos, bacharelados em tradução e etc.. Acredito que nesses espaços, poderíamos ter disciplinas que trabalhassem a humanização, o acolhimento e a empatia. Conteúdos que gerassem discussões sobre o primeiro olhar, o olhar de encantamento quando aprendemos a falar com as mãos. Que nos ajudassem a pensar uma forma de ver o outro não com as suas limitações, mas com o seu potencial, e nos ajudasse a voltar a acreditar

que o nosso trabalho é válido. Em geral, os surdos, infelizmente já possuem uma gama de pessoas que olham para eles com um olhar desconfiado e incrédulo, ou de pena, fazendo acreditar numa hipotética incapacidade. Mas será que a incapacidade não é nossa? Na nossa língua precária que a julgamos boa o suficiente por alcançar, em alguma medida, a comunicação? Será que as nossas estratégias tradutórias em geral já não são precárias o suficiente? E que em geral nem são refletidas à luz da teoria e acabamos por elaborá-las tão somente em nosso universo interior?!!

Um outro aspecto que se constitui tão difícil quanto o anterior é a contrapartida ofensiva da Comunidade Surda. Toda ação produz uma reação de mesma força em sentido contrário (Terceira Lei de Newton). Acredito que as sucessivas opressões ouvintistas (SKLIAR, 1998) ou de conotação do audismo, como alguns preferem chamar, entre eles Karin Strobel (2009), suscitaram uma reação de repúdio e distanciamento entre os ouvintes por tomar como imposição toda e qualquer manifestação de ouvintes ligados à comunidade surda. E que em muitos casos de fato o é. Mas que confunde todo discernimento para considerar as propostas que de fato contribuem para a comunidade. Inclusive dificultando e menosprezando o trabalho sério de alguns, que visa à captação deste imaginário coletivo anteriormente mencionado.

Concordo com a escrita de Savianni ao dizer que: “Conhecer a cultura do dominador é instrumento de libertação”. A comunidade surda está imersa na sociedade que majoritariamente é ouvinte, sabendo que trabalham e interagem em um mundo de maioria ouvinte, com padrões ouvintes, com pensamentos ouvintes, mas não sendo ouvintes. São surdos com desejos surdos, estrutura cognitivas baseadas nas línguas de sinais. Contudo, sem compreender de forma mais ampla este *modus operandi* ouvinte, não alcançarão os seus objetivos políticos. Uma prova disto são os dois últimos Congressos Nacionais de Pessoas com Deficiência - CONADE. No Congresso de 2008 a comunidade surda sofreu uma derrota muito cara. Há décadas, desde o Congresso de Milão, os surdos buscam uma educação bilíngue, onde eles pudessem aprender em um espaço educacional em que a língua de sinais fosse a língua de instrução, em uma escola cujo ensino fosse ministrado por professores surdos ou ouvintes com bastante fluência em língua de sinais, e obviamente nos conteúdos que eles fossem ministrar. No CONADE de 2008 não foi diferente. Este foi o intuito, e eles tentaram. Trouxeram das plenárias locais, regionais e distrital, e chegou ao congresso nacional. Mas imaginaram que apenas a discussão durante a plenária final os faria vitoriosos. Ledo engano. A delegação do Ministério da Educação, por ter construído um lobby fortíssimo,

inviabilizou a vitória neste ponto. No CONADE subsequente de 2012, os surdos se articularam, vieram com uma delegação ainda maior, com um poder articulatório maior. Com professores doutores e mestres e com discentes doutorandos e mestrandos, com um discurso mais empoderado e com uma articulação feita em diversas esferas, inclusive com delegados militantes de outras causas, mas cientes das necessidades da comunidade surda. Tal estratégia os conduziu a uma belíssima vitória e a educação bilíngue foi aprovada e defendida no documento oficial deste congresso.

Trago esta narrativa para ratificar da necessidade de conhecer a forma de pensar, as estratégias vitoriosas e as derrotas históricas que o grupo majoritário traz em seu arcabouço, para saber qual melhor estratégia na hora de se opor, de reivindicar os seus direitos, de se posicionar enquanto sujeito na individualidade ou no coletivo. E a arte, a literatura, a música trazem consigo formas de refletir estas questões de um ponto de vista peculiar. Diferente do saber acadêmico. Nem melhor nem pior, apenas diferente. Advogo que conhecer facilita, inclusive, pensar a sua própria arte.

Não creio que a comunidade surda deva se restringir à cultura dos ouvintes. Não! Deve sim produzir a sua própria cultura, a sua arte, a sua poesia com aspectos linguísticos e visuais tão ricos e encantadores que nenhum fonema seria capaz de reproduzir com tanta maestria e precisão. Eles são mestres, são fantásticos no que fazem e nós, intérpretes, inclusive bebemos dessa fonte para produzir a nossa arte de fronteira. Traduzir é viver nesses dois mundos. E esperamos que a nossa arte seja valorizada como possibilidade de acesso a um conhecimento que talvez eles não conseguissem acessar com tanta facilidade na língua portuguesa.

De fato, este espaço final é um grande desabafo das nossas fragilidades e imperfeições, anseios e potencialidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaria de ter a clareza de Chico Anísio, Arnald Rodrigues Renato Piau ao cantarem no álbum “Baiano e os Novos Caetanos” que “Não há considerações finais a fazer. Tá tudo aí, tá tudo aí para quem quiser ver.” No entanto, algumas questões talvez possam ser lembradas.

Após o relato histórico marcado pela exclusão vivenciada pelas comunidades surdas, podemos observar que de fato a comunidade possui um histórico de sofrimento e perda causada pela sociedade majoritária e ouvinte e que esta ignora os anseios das comunidades surdas. Tais evidências justificam todas as ressalvas que os surdos têm em relação aos ouvintes. Entretanto, acredito que este trabalho traz algumas reflexões que tiveram como objetivo a problematização de algumas verdades já estabelecidas.

Penso que os grupos majoritários que estão em espaços de poder têm uma dívida histórica com o restante da população que não alcançou o mesmo *status quo*. Desta forma, brancos possuem esta dívida com negros e indígenas; homens com mulheres; heterossexuais com homossexuais, bissexuais, transexuais e qualquer categoria que ainda não esteja enquadrada aqui; assim como ouvintes em relação aos surdos. Partindo desta premissa, acredito que os surdos têm total direito a um espaço ainda não democratizado de poder e decisões e de livre manifestação das suas expressões culturais, e sobre isto não há o que ser discutido.

Os TILS planejam, estruturam e apresentam as suas traduções de acordo com as competências linguísticas, técnicas e teóricas, com as suas visões de mundo. Sabemos que a tradução se destina a essa comunidade, mas seria esquizofrênico pensar que deveria acontecer como se oriunda desta comunidade de destino, porque não é. O sujeito histórico que executa esta tradução, em sua maioria não é surdo (embora observemos que alguns se esforçam para ser, mas nunca serão). E o texto de origem traz em seu arcabouço, seu discurso e sua forma de estar no mundo, as marcações culturais de língua, de história e de pertencimento que necessitam ser impressas na tradução realizada. Desta forma, acredito que a arte de tradução deve ser vivenciada por um sujeito que transite nos dois mundos, que possua as marcas culturais das duas comunidades e que jogue, subverta, repense e recrie as realidades de forma que as culturas, na mais profunda mestiçagem proposta por Laplantine, se toquem, se beijem e se amem.

PROJETO PROFISSIONAL

Durante a minha graduação, pude me banhar em múltiplos saberes, com aromas, texturas, densidades e profundidades diferentes. Tais namoros foram importantes para a constituição do meu ser da minha existência enquanto habitante da Pachamama. Busquei nos meus caminhos mais tortuosos e cheios de atalhos que conduziam a percursos longínquos e visões das mais diversas, encontrar um significado para tudo isto. Creio que essa caminhada no entanto não cessou, contudo, percebo que o meu GPS interno já está mais sintonizado com os anseios que ora se tornam mais claros. Desta forma, suponho que o percurso será mais confiante, de forma alguma mais clara, no entanto sinto de forma mais firme a intuição, esta velha amiga que nunca me desamparou e que por inúmeras vezes me motivou a não seguir as vozes mais racionais que amorosamente me aconselhavam.

Para os próximos passos, buscarei prosseguir com o aprofundamento destas pesquisas de tradução e interpretação na área cultural. Para tanto, fui aprovado no último concurso da Fundação da Universidade de Brasília - FUB no cargo de Tradutor e Intérprete de Libras, onde atuo no Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL. Também obtive sucesso na seleção de mestrado do Programa de Pós-graduação em tradução - POSTRAD do departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET do Instituto de Letras – IL da Universidade de Brasília e continuo ministrando módulos de tradução e interpretação cultural em cursos de formação de TILS aqui no Distrito Federal.

REFERÊNCIAS

ANÍSIO, Chico e RODRIGUES, Arnaud. **Tributo Ao Regional. Baiano e Os Novos Caetanos**. Álbum musical, 1974.

BOLGUERONI, Thais e VIOTTI, Evani. Referência Nominal em Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS). **Todas as Letras U**, v. 15, n.1, 2013.

BRASIL. **Lei Nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm. Acesso em 06-08-2015.

_____. **Lei Nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Disponível em: <http://www.ufjf.br/acessibilidade/files/2009/08/Lei-n%C2%BA10436.pdf>. Acesso em 06-08-2015.

_____. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em 06-08-2015.

Eduardo e Mônica. Publicidade - Vivo. Direção: Nando Olival. Produção: O2 filmes. 2011.

Faroeste Caboclo (filme). Direção de Renée Sampaio. Produção: Globo Filmes. 2013.

GUARINELLO, A.C.; MASSI, G.A.A.; BERBERIAN, A. P. Surdez e Linguagem Escrita: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.13, p.205-218, 2007.

LACERDA, Cristina Broglia de Feitosa. **Intérprete de LIBRAS**: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. 1. ed. Porto Alegre: Editora Mediação/FAPESP, 2009. v. 1. 95p

_____. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Cad. CEDES** [online]. 1998, vol.19, n.46, pp. 68-80. ISSN 1678-7110. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000300007

LAPLANTINE, François e NOUSS, Alexis. **A mestiçagem**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: uni conceito antropológico. 14.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LODI, Ana Cláudia Balieiro e LACERDA, Cristina Broglia de Feitosa (Orgs.). **Uma escola duas línguas**: Letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização. 1. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009. v. 1. 160p.

LUCHI, Marcos. **Interpretação de descrições imagéticas**: onde está o léxico? Dissertação (Mestrado em Estudos de Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Tradução, 2013.

- PLAZA, Julio. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- QUADROS, R.M. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- SACKS, Oliver W. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. Tradução Laura Teixeira Motta, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima [et al]. **Ensino de língua portuguesa para surdos**: caminhos para a prática pedagógica. Brasília: MEC, SEESP, 2004.
- SANTOS, Silvana Aguiar dos. **Tradução/interpretação de língua de sinais no Brasil**: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010. Tese (Doutorado em Estudos de Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Tradução, 2013.
- SILVA, R. R. **A educação do surdo**: minha experiência de professora itinerante da Rede Municipal de Ensino de Campinas. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2003.
- SKLIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Medição, 1998.
- STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.
- TUXI, Patrícia. **A atuação do intérprete educacional no ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília. Faculdade de Educação. 2009.